



AWPOOPOOL

CONSELHO NACIONAL DE DESENVOLVIMENTO CIENTIFICO E TECNOLÓGICO
INSTITUTO NACIONAL DE PESQUISAS DA AMAZÔNIA
BOLETIM DO MUSEU PARAENSE EMÍLIO GOELDI
NOVA SÉRIE
BELEM — PARÁ — BRASIL

ANTROPOLOGIA

Nº 71

19, DEZEMBRO, 1978

NOTÍCIA SOBRE OS ÍNDIOS ARAWETÉ, RIO XINGU, PARÁ

INSTITUTO
SOCIOANTROPOLÓGICO
Documentação
 Kardex
 Indexação

Expedito Arnaud
Museu Goeldi

RESUMO: Os índios Araweté (Tupi) começaram a ser identificados a partir de 1970, na região situada à margem direita do baixo Xingu (4-5º de Lat. Sul; 52-53º de Long. Oeste), conhecida como a "terra dos Asurinís". Presentemente, somam 122 indivíduos agrupados em uma única aldeia, situada à margem do Igarapé Ipixuna, sob a assistência permanente da FUNAI. Este trabalho, na primeira parte, apresenta aspectos gerais do ambiente regional (Município José Porfírio), indicações sobre a provável origem dos Araweté, e referências a respeito de sua língua, cultura, organização social e ideologia, incluindo aspectos de caráter comparativo. Na segunda parte focaliza seus contatos inter e extra-tribais e a ação exercida sobre eles pela FUNAI.

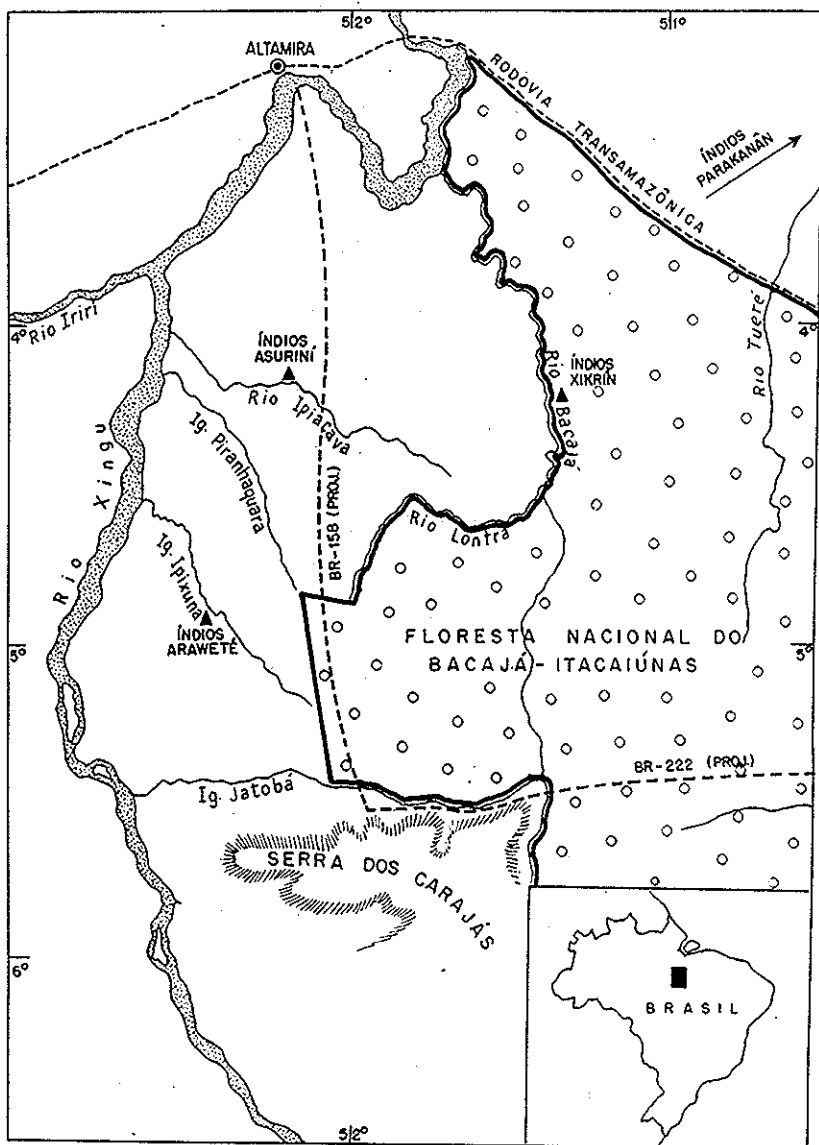
Através de um artigo relacionado à "ação indigenista no sul do Pará, 1940-1970" (Arnaud, 1971), registramos, entre outras, ligeiras referências sobre o grupo tribal denominado Asuriní. Tais referências foram dadas com base em informações existentes a respeito de contatos realizados em junho-julho e outubro de 1970, pelo artista australiano David Willes (Solly, 1971) e pelo sertanista da FUNAI Antônio Cotrim (Rondon, 1970), respectivamente, com índios presumidamente, dessa origem, à margem do Igarapé Ipixuna, afluente do baixo Xingu pela margem direita. Acontece que, em maio de 1971, os padres etnólogos Anton e Karl Lukesch, da Prelazia do Xingu, orientados em parte por aquelas informações, após vários reconhecimentos aéreos, estabeleceram por sua vez contato com outro grupo indígena, localizado no rio Ipiçava (paralelo ao Ipixuna), que caracterizaram também, como sendo Asuriní, de igual modo

como o fez logo no mês seguinte o sertanista Cotrim, que reconheceu serem os índios do Ipiaçava diferentes dos do Ipixuna (Soares, 1971). No Ipixuna uma turma da FUNAI prosseguiu realizando contatos amistosos com o grupo aí localizado, mas sua ação era dificultada por "falta de entendimento verbal" (Alves, 1973). Já em 1976, quando o sertanista João Evangelista de Carvalho (conhecedor de vários dialetos Tupí) passou a atuar na área é que os trabalhos começaram a alcançar resultados positivos, inclusive quanto a própria identificação do grupo tribal.

Face as indicações acima e de outras fontes bibliográficas e documentais, complementadas por meio de diversas entrevistas com pessoas que atuaram na área (principalmente o sertanista Carvalho), ao mesmo tempo que estamos retificando nossa informação anterior (Arnaud, 1971: 19-20) registramos que, no trecho situado à margem direita do Baixo Xingu, denominado pela população regional como "a terra dos Asurinís" (Lukesch, 1976: 11), a ser mais adiante melhor definido, habitam presentemente dois grupos tribais de fala Tupí porém distintos: o grupo Asuriní propriamente dito (Asuriní do Xingu), situado no rio Ipiaçava e o grupo Araweté, no igarapé Ipixuna. Nesta comunicação, como o título bem indica, nos ocupamos especialmente dos Araweté, considerando uma provável inexistência de informação etnográfica a respeito dos mesmos.

* * *

O atual Município Senador José Porfírio, situado à margem direita do baixo Xingu (3-6° de Lat. Sul; 50-53° Long. Oeste), formado com terras desmembradas do Município de Altamira, em seus 33.689 km² de superfície, assim como toda a região do Xingu, sempre possuiu uma população extremamente rarefeita, a qual, em 1970, somava apenas 3.044 habitantes (0,09 hab/km²), achando-se seu maior aglomerado com 383 na sede municipal (antiga Souzel) (Recenseamento Geral do Brasil, 1971: 36 e 47). Sua economia de cunho extrativista e predatório realizada através da borracha, castanha-do-pará e caça de animais silvestres, complementada



Localização dos índios Asuriní, Araweté e Xikrín

por pequenas lavouras de subsistência, de modo geral vinha ocorrendo somente nas margens do Xingu e nas embocaduras dos seus afluentes, face a presença na área de índios hostis. A partir do início da década de 1960, penetrações mais profundas começaram a ser intensificadas por parte de caçadores de felinos (*gateiros*), na medida da valorização das peles desses animais, mas que, no entanto, começaram a declinar nos primeiros anos desta década, quando foi definitivamente proibido o exercício de caça profissional e comércio de espécies de fauna silvestre, consoante o estabelecido nos arts. 2.º e 3.º da Lei 5.197 de 3 de janeiro de 1967. Nos dias atuais, perspectivas mais amplas de exploração e ocupação nacional da área poderão surgir, a partir da Transamazônica que corta o norte do município, já tendo sido projetada uma rodovia (BR-158) que deverá partir de Altamira até atingir a BR-22 à altura da serra do Carajá. E o Projeto Radam, por sua vez, após uma apreciação "quanto à utilização mais rentável da área", vem de propor a criação da "Floresta Nacional do Bacajá-Itacaiúnas considerando que "92,2% da área tem capacidade de ALTA a MÉDIA para a EXPLORAÇÃO DE MADEIRA, concentrando-se 82,1% na classe ALTA" (BRASIL. Dep. N.P. Min., 1974: 31 a 33).

Desde o passado até o presente, a maior parte do atual Município de José Porfírio, tem sido ocupado predominantemente por índios tribais, os quais, com exceção dos Araras (Karib) e dos Xikrin-Kayapó (Jê), foram identificados como de origem Tupí, porém vários grupos desta origem desapareceram sem que tivessem sido registradas "informações de valor etnográfico a seu respeito" (Nimuendaju, 1948: 213-217). Entre os sobreviventes, destacam-se os Asuriní ("do Yuruna-asonéri-vermelho" etc.: *ibid.*: 225; autodenominação "Cakiwê, etc., Lukesch, 1976: 41) que começaram a ser notados a partir de fins do século passado, pela forma como mantinham a integridade de seu território, situado desde à margem direita do Xingu até as cabeceiras do Bacajá, abrangendo os rios Ipiçava, Piranhaquara, Ipixuna, Jatobá e Bom Jardim. Nessa fase tinham como inimigos os Tucayapé,

já extintos; os Araras ainda hoje hostis; e os Juruna, atualmente localizados no rio Manitsauá, alto Xingu (Oliveira, 1972: 26-27), carecendo de melhores referências as indicações havidas sobre a possível existência de um subgrupo isolado no baixo Xingu (cf. Arnaud, 1971: 22).

Já por volta de 1936, quando os Kayapó começaram a expandir-se para o norte, foram os Asuriní desbaratados pelos Gorotíre (Nimuendaju, 1948: 225); em seguida passaram a ser hostilizados pelos Xikrin do Caeteté, afluente do Itacaiúnas (Lukesch, 1976: 13); e mais recentemente também pelos dissidentes Xikrin, localizados no médio Bacajá, os quais, em 1966, "incentivados por elementos inescrupulosos causaram-lhes "elevadas baixas incendiando em seguida a aldeia" (Soares, 1971).

Logo após terem sido visitados por Lubesch e Cotrim, em sua atual localização no rio Ipiaçava, passaram os Asuriní a ser assistidos permanentemente por um posto da FUNAI, sendo que, de acordo com informações de Lukesch (1976: 23) e de sertanistas da FUNAI, há indícios da existência de um grupo situado entre as cabeceiras do Ipiaçava e Ipixuna. A população do grupo em apreciação, em 1971, somava 77 indivíduos, sendo 33 do sexo masculino e 44 do sexo feminino (30 h. e 41 m. e 6 crianças — 3 h. e 3 m.) (ibid.). Presentemente, segundo dados existentes na 2ª Delegacia da FUNAI essa população está reduzida a 55 indivíduos.

As controvérsias a respeito de haverem constituído ou não uma só unidade tribal, os Asuriní do Xingu e os do Tocantins (Akuawa-Asuriní) (Cf. Coudreau, 1897: 32; Nimuendaju, 1948: 225; Arnaud, 1961: 7; Laraia & Matta, 1967: 37), no momento parecem ainda perdurar por carência de indicações mais precisas. Todavia, Lukesch (1976: 36) já esclarece que os dialetos falados pelos citados grupos "parecem um tanto diferenciados", e acrescenta que, o nome Asuriní, vinha sendo aplicado desde o século passado, pela população brasileira... e pelos índios que falam o português, para designar os Tupí entre os rios Xingu e Tocantins"... (ibid.: 41).

A presença dos índios Araweté ("termo derivado de Awaté — gente ou homem verdadeiro") (Carvalho, 1976-77), na área tradicionalmente conhecida como "a terra dos Asurinis", começou a ser notada, como vimos anteriormente, a partir de 1970. Nessa região, sua mais antiga localização foi encontrada nas cabeceiras do rio Bacajá, onde ainda existem vestígios de antigas aldeias, nas quais foram colhidos pela turma da FUNAI, fragmentos e peças de cerâmica, machados de pedra e outros utensílios, identificados como a eles pertencentes. Em seguida, face as hostilidades com os Xikrin e com os "Marakareti" (Parakanân), que apontam como seus mais tradicionais inimigos, mudaram-se para as proximidades dos igarapés Jatobá e Bom Jardim, e, por fim, para o médio Ipixuna de onde desalojaram os Asurini atualmente aldeados no Ipiçava.

A respeito da origem dos Araweté, isto é, sobre a possibilidade de serem remanescentes de um dos grupos Tupí, situados à margem do Amazonas entre o Tocantins e o Xingu, dados como extintos, que, no passado, mantiveram relações com missões religiosas e frentes pioneiras, não colhemos qualquer indicação. Todavia, considerando-se as informações recentemente obtidas e a semelhança de certos traços culturais, uma hipótese que não deve ser desprezada mas necessitando de melhor investigação, é a de ter sido o grupo Araweté formado em consequência de uma cisão havida entre os Urubu-Kaapor. Segundo Huxley (1963 67-125), os Kaapor cruzaram com outras tribos e recolheram mitos e costumes estranhos à família Tupí ...; muitas de suas lendas são do norte, sobre as florestas que margeam o rio Capim, sendo uma delas sobre um homem que vivia à margem do Tocantins, a Oeste; e têm uma narrativa a respeito de dois irmãos que emigraram do Capim e fundaram uma aldeia ao sul do Gurupi (ibid.). Carvalho, por sua vez, informa que os Kaapor dizem haver atravessado territórios de outros índios, os quais pelas referências fornecidas, deveriam ser Mundurukú, Kayapó e Karajá, antes de se localizarem no Capim; e que, após a cisão do

Capim, talvez ocorrida há cerca de um século, uma parte retornou para o oeste. Assim, quando Carvalho comunicou aos Kaapor que iria trabalhar no Tocantins, um dos índios expressou-se da seguinte forma: "Então vais encontrar nossos parentes que vivem por lá".

Os Araweté falam um dialeto Tupí que pode ser considerado diferente dos dialetos dos Akuawa-Asurini e Suruf-Mudjetire, considerando-se que índios destes grupos, quando atuaram na turma de atração do Ipixuna, não conseguiram estabelecer nenhum entendimento verbal com eles (Alves, 1973). Segundo Carvalho (1977), embora não tanto, o dialeto Araweté é também diferente do Asurini, sendo bem aproximado do falado pelos Urubu-Kaapor.

Os homens Araweté têm uma estatura variando entre 1,60 a 1,65 m, sendo as mulheres comumente mais baixas. Diversos indivíduos destacam-se pela cor clara da pele, tendo alguns barba ruiva e espessa, possuindo um deles cabelos crespos. Alves (1973) diz ter avistado "seis índios (três homens e três mulheres) com olhos azuis", porém, Carvalho (1977) já fala na existência de índios "com olhos castanhos claros mas não azuis". Ambos os sexos cortam o cabelo à altura do meio da testa, deixando as orelhas descobertas, e baixando na parte posterior até o pescoço. Nos lóbulos das orelhas usam brincos de penas presas em cordões de algodão ou curauá; e nos braços e pernas usam faixas também tecidas de algodão. Os homens andam inteiramente nus, apenas amarrando o pênis com um fio de algodão, à maneira dos Urubu-Kaapor; e as mulheres usam uma saia de tecido fechado de algodão semelhante a usada pelas mulheres Kaapor. A pintura do corpo usada por ambos os sexos é feita com tintura de urucu ou do pó de uma pedra de cor vermelha, misturado com castanha-do-pará ou coco de babaçu, mastigado; e nos cerimoniais o corpo é pintado com listras verticais ou inteiramente de preto, com a aplicação do sumo do jenipapo. Somente os homens usam na cabeça um diadema de penas de estilo semelhante ao dos Kaapor,

porém de confecção grosseira, e um colar de penas com um apito de osso de gavião real.

Na aldeia as casas são dispostas sem alinhamento. Têm a base retangular, cobertura em forma de abóbada atingindo o solo, feita com a palha do babaçu, assim como as paredes frontais, com apenas uma pequena porta de acesso; medem cerca de 3x4 m, existindo em seu interior jiraus para colocação de utensílios. São semelhantes a um dos tipos das casas dos Asurini, que, no entanto, as constroem com maiores dimensões (cf. Lukesch, 1976: 42-43, fig. 17-22-23).

A subsistência processam por meio da caça, pesca, coleta e agricultura. A caça e a pesca efetuam com o arco e a flecha, aplicando na pesca também o timbó. De igual modo como os Asurini, os Araweté não criam cachorros e chegam a demonstrar aversão por esses animais. Os roçados, de acordo com observações colhidas por elementos da FUNAI, eram bem extensos havendo Carvalho encontrado vestígios de um, talvez quando o grupo era bem mais numeroso, que avaliou em aproximadamente 60 tarefas (cerca de 16 ha).

Os Araweté plantam a mandioca (4 tipos), milho (3 tipos), inhame (2 tipos), pimenta (2 tipos), amendoim, algodão, banana (4 tipos), abóbora, urucu e tabaco (Rondon, 1970; Carvalho, 1977). Na preparação das lavouras a aplicação de machados de aço obtidos por meio de pilhagens e permutas e relativamente recente, pois os homens mais velhos dizem ainda haver utilizado machados de pedra, tendo sido encontrados vários destes instrumentos extremamente gastos nas localizações anteriores do grupo (Carvalho, informação pessoal). O plantio da mandioca consiste no afofamento da terra, geralmente com o emprego do arco e introdução de 5 a 6 talos de tamanho não inferior a 0,50 cm, transversalmente, ficando as pontas descobertas; e no plantio do milho vários grãos, indiscriminadamente, são colocados em covas feitas com um pau de ponta aguçada (ibid.).

A mandioca é aplicada na confecção da farinha e do beiju. Na preparação da farinha, a mandioca é ralada em raiz de paxiúba, socada no pilão, espremida a massa com as mãos para extração do tucupi, secada ao sol ou no moquém, peneirada e por fim torrada no forno de barro não tendo sido observada a aplicação da massa puba, como o fazem os Urubu-Kaapor (Carvalho, informação pessoal). Na confecção dos beijus, também não foi observada a aplicação da massa da mandioca mas apenas da tapioca. O milho é torrado e depois socado no pilão, para ser desta maneira consumido; ou é apenas socado e lavado ao fogo para ser transformado em mingau, que, no entanto, só é consumido após estar fermentado ("Taní-kauin") (ibid.).

Os Araweté de ambos os sexos fumam o tabaco sob a forma de charutos, tragando a fumaça de modo exagerado a ponto de provocarem vômitos e expectoração abundante quando estão atacados de bronquite. A água para beber é extraída de cacimbas, sendo conduzida em vasos de barro (não usam cabaças). O breu de jutaica é queimado no interior das casas para fins de desinfecção. E as defecações são feitas geralmente um tanto afastadas do recinto da aldeia.

Na divisão do trabalho, nota-se uma maior participação do elemento masculino. Os homens caçam, pescam, coletam, preparam o terreno para as lavouras, realizam predominantemente o plantio e a colheita, constroem as habitações, executam os trabalhos de madeira e cestaria. Além disso, conduzem cargas, fabricam a farinha de mandioca, o fubá de milho e também preparam a comida. As mulheres processam a cerâmica, fiam o algodão, preparam as tinturas, tecem as redes, as tipóias para condução de crianças e os panos para as saias. Cooperam com os homens no plantio e colheita dos roçados e na preparação da comida. Por ocasião das caçadas ou das coletas de frutos silvestres, a carga é geralmente distribuída entre o casal, mas as mulheres não costumam acompanhar os maridos nessas atividades quando têm filhos em tenra idade.

Na cestaria aplicam os Araweté o trançado sobreposto, utilizando a palha do babaçu na confecção de jamaxis, pacarás e esteiras, e a tala do arumã na das patronas (*patron*) e pe-neiras, não tendo sido avistado pelos informantes nenhum cesto de trançado rígido e fechado. Os arcos medem aproximadamente 1,70 m, são feitos com o pau d'arco, encordoamento de curauá, seção plana-convexa, semelhante a um dos tipos fabricados pelos Urubu-Kaapor, sendo porém um tanto mais largo (0,05 m) (Carvalho, informação pessoal). As flechas medem entre 1,40 a 1,50 m., têm a emplumação tangencial, haste de taboca e a ponta de osso, madeira roliça e lan-ceolada de taboca. Os pilões são de forma cilíndrica, medindo cerca de 0,40 m de altura e 0,30 m na cavidade. As redes são feitas de fios de algodão, com a trama espaçada, seme-lhantes as dos Urubu-Kaapor, e diferente da rede Asurini que, na parte central, o tecido é fechado (cf. Lukesch, 1976: 90, fg. 50). As tipóias para condução de crianças são confecciona-das de tecido fechado de fios de algodão, tal como as saias das mulheres. A cerâmica é simples, sem apresentar portan-to o apuro da cerâmica Asurini que tem uma decoração poli-crônica altamente trabalhada (ibid.: 88-89). Fabricam as mu-lheres Araweté painéis, vasos para condução de água e fornos para torração da farinha de tamanho pequeno (cerca de 0,50 cm de diâmetro), porém, foram encontrados na antiga aldeia fragmentos de outras peças, as quais, tomando-se como base a espessura, deveriam ser muito maiores, talvez do tamanho aproximado as que confeccionam os Urubu-Kaapor (1,50 m de piâmetro) (Carvalho, informação pessoal).

Como rituais, possivelmente ligados aos ciclos econômi-cos foram observados, "*a festa do milho (Tani-kauin)*" efetua-da por ocasião da colheita do produto ainda verde, entre mar-ço e abril; e a "*festa do mel*", efetuada já na fase do estio, a partir de julho. Cânticos e danças ocorrem quãse todas as noites na aldeia.

A população Araweté, em meados de 1977, compunha-se de 119 indivíduos, apresentando-se bem equilibrada entre os sexos, e também com certa proporcionalidade quanto às clas-

ses de idade, a despeito da acentuada baixa sofrida (mais adiante registrada), como se poderá verificar pelo quadro abaixo :

<i>Classes de idades</i>	<i>Homens</i>	<i>Mulheres</i>	<i>Total</i>
70-74	1	1	2
65-69	—	—	—
60-64	1	—	1
55-59	—	—	—
50-54		1	1
45-49	1	—	1
40-44	1	1	2
35-39	7	5	12
30-34	6	7	13
25-29	9	9	18
20-24	8	5	13
15-19	3	3	6
10-14	5	4	9
5-9	7	10	17
0-4	10	14	24
	59	60	119

Essa população estava dividida em 36 famílias elementares monogâmicas, cada qual ocupando uma habitação. Não foi obtida nenhuma indicação de que essas famílias pudessem estar reunidas em unidades maiores, ou seja, em famílias extensas, como, por exemplo, ocorre com os Urubu-Kaapor, que além de adotarem a poligínia, possuem os grupos domésticos formados por famílias extensas (Carvalho, informação pessoal).

A respeito de uma possível forma ideal de casamento, não foram conseguidos informes precisos, porém, revelaram os homens que, de modo nenhum, travam relações sexuais com mulheres que tratam como irmãs. Racionalizando a atitude, em função de um mito que parece apresentar traços semelhantes a um dos mitos dos Urubu-Kaapor (cf. Huxley,

1963: 181 a 196), no momento em que foi inquirido, um dos homens declarou não proceder assim porque não queria ser castigado por Maíra com o foi Tiahi (lua) que, por haver copulado com a irmã, ficou metade preto e metade branco (Carvalho, informação pessoal). Casamentos de homens velhos com mulheres muito novas, ou vice-versa, são comuns no âmbito do grupo. Quanto a possíveis evitações entre sogros (as) e genros (noras) nenhum esclarecimento foi obtido a respeito.

A vida conjugal dos Araweté caracteriza-se por uma acentuada instabilidade. Os casais estão constantemente separando-se, para constituírem outra união, mas não raro ocorrem reconciliações. A iniciativa dos rompimentos, na maioria das vezes, parte do homem que, em regra, só assim procede quando já encontrou outra mulher para coabitar. Há uniões que perduram somente alguns meses, semanas, ou mesmo dias. Existe na aldeia, um homem que passa constantemente de uma para outra mulher e acaba retornando para a mais velha, dizem porque "tem o pênis muito avantajado".

Ocorre que, nem sempre a mulher se conforma com a separação, e quando não consegue persuadir o homem a aceitá-la novamente, reage até de forma violenta. Em um dos casos observados, não havendo a mulher se dado bem com um novo marido foi ao encontro do anterior. Inicialmente atirou-lhe vários cocos de babaçu, bateu-lhe com uma cuia, quebrou-lhe as flechas e, por fim, aplicou-lhe uma surra com vara. O homem não esboçou qualquer defesa, e após terem feito as pazes, foram ambos ao acampamento da FUNAI para que ele fosse medicado (ibid. 1976-77). Houve dois outros casos semelhantes em que os homens só faziam chorar ou gemer (ibid.). Além dessas permutas constantes de cônjuges, ainda praticam os Araweté relações sexuais extra-mariais, constatadas com respeito aos homens, porque as mulheres arrancam os cabelos do pubis daqueles com quem realizam o coito em tais circunstâncias (Carvalho, 1976-77). Sem distinção de sexo, costumam os Araweté aplicar beijos, inclusive em estranhos, e de maneira ruidosa, como manifestação de

afeto ou de alegria; mas para provocar excitação sexual, mordem-se os casais principalmente por ocasião de uma nova união.

Nas separações, os filhos existentes ficam em poder da mãe, que permanece, ou não na mesma residência. Em uma permuta simultânea entre dois casais, os homens via de regra continuam nas próprias casas, enquanto as mulheres conduzem invariavelmente os filhos para a casa dos novos cônjuges; mas se uma mulher deixada não arranjar logo outro marido, permanece na casa com os filhos; e também uma nova habitação pode ser construída pelo homem principalmente quando a nova mulher que arranjou ainda é solteira. As mulheres Araweté, não procuram limitar os filhos (existe na aldeia uma com 8), mostrando-se assim diferentes das mulheres Asuriní, que, desde vários anos, provocam o aborto, a ponto de não haver atualmente na aldeia crianças em idade infantil. Todavia, quando uma mulher Araweté tem um filho concebido por ocasião de casamento anterior, ela o mata no ato do nascimento. Enfim, sobre a não persistência na vida dos casais, invariavelmente costumam os Araweté responder mais ou menos do seguinte modo: assim como as pessoas gostam de variar a comida, também gostam de variar nas relações sexuais, mas depois de certo tempo podem sentir saudades e acabam retornando a viver com um parceiro (a) anterior (ibid.).

Na aplicação de nomes pessoais, os Araweté procedem da mesma forma que os Urubu-Kapor (Huxley, 1963: 9; Carvalho, 1977), isto é, os pais deixam de ser nomeados pelos nomes originais, assim que nasce o primeiro filho ou filha. Passam a ser denominados pai de fulano (a) e mãe de fulano (a), e, se esse filho falece, tomam o nome do seguinte, e assim sucessivamente, mesmo que os pais já estejam separados (Carvalho, 1977). Nenhum resguardo foi constatado por ocasião de nascimentos, mas apenas abstinência de alimentos pesados por parte dos pais da criança durante alguns dias. A respeito de rituais por motivo de passagem de jovens para a puberdade, não foi vista nenhuma prática especial e não chegaram a ser colhidas informações sobre isso. E quanto

às crianças que perdem as mães ainda necessitando de cuidados permanentes, normalmente passam a ser criadas por uma *tia* ou *avó* ou outra qualquer mulher, mas por ocasião das situações críticas ultimamente verificadas (conflitos, surtos epidêmicos), teriam perecido por abandono, sendo que, no momento em que foram feitas perguntas a respeito, o líder do grupo não permitiu respostas "porque era muito triste". (ibid.).

Os Araweté acreditam que as doenças podem penetrar no corpo pela cabeça. Conseqüentemente, assim que uma pessoa apresenta sintomas de enfermidade, é feita uma coroa em sua cabeça, onde são espremidas infusões de ervas. Mas o tratamento é ao mesmo tempo levado a efeito por intermédio do xamã através de sopros, sucções e fumigações com o tabaco, havendo tais formas de tratamento persistido mesmo depois de estarem familiarizados com o uso de medicamentos. Em 1977 existia somente um xamã na aldeia, cuja atividade até o ponto que pôde ser verificada, restringia-se ao curandeirismo. Assim, pode ser dito que, entre os Araweté, o xamanismo não se reveste da complexidade que ocorre no âmbito dos Asuriní, que possuem pelo menos 5 classes de xamãs ("Tüw'a, Apükw'a, Karw'ara, Arapó'a e Taya'o"), cujas funções eram ultimamente exercidas por 11 homens (também 1 mulher) pertencendo alguns deles a mais de uma dessas classes, e cujos eventos da vida diária são intimamente ligados a forças sobrenaturais, muitas vezes representadas por objetos (Jangoux, 1977: 61).

Os Araweté parecem ter mais medo dos mortos que os Urubu-Kaapor e, em conseqüência, fazem os sepultamentos bem longe das habitações (Carvalho, 1977). E durante vários dias, até quando julgam que o cadáver já apodreceu, têm o cuidado de fechar muito bem a porta de suas habitações, com receio que o morto vá atormentá-los. Em um dos casos observados, ou seja, por ocasião do falecimento de uma menina, logo na primeira noite, tendo a mãe dela se queixado que haviam puxado um dedo de seu pé, fez o marido levantar para acender uma fogueira; e assim que a mulher penetrou

na casa com uma outra filha, o homem deu uma volta pela parte externa da casa com uma tocha, passando-a ao informante para ele ficar alumando até que amarrasse a porta por dentro; em seguida pediu-lhe para atar a porta também por fora; e antes de deitar-se ainda perguntou se não estava sendo avistada a menina falecida. (ibid.).

Os mortos são enterrados em covas redondas, diferentes portanto das feitas pelos Urubu-Kapor (Huxley, 1963-143) e Asuriní (Soares, 1971). O corpo é colocado sentado sobre um jirau bem atracado com cipós, sendo depois coberto de palhas e por fim com terra.

Constantemente estão os Araweté falando em Maíra, que produziu o primeiro homem da tribo, depositando seu sêmen no caule de uma árvore. E por ocasião do *dilúvio*, em que muitas criaturas morreram, Maíra veio orientar a construção de jiraus em determinadas árvores, nas quais homens e animais ficaram abrigados até cessarem as chuvas.

* * *

Não tivemos notícias sobre possíveis encontros armados dos Araweté com coletores de borracha ou de castanha-do-pará. Com os gateiros seus primeiros encontros teriam resultado em algumas mortes para ambos os lados (Alves, 1973), porém os últimos raramente poderiam levar vantagem porque geralmente trabalhavam aos pares (Solly, 1971). A partir de 1967, entretanto, tais encontros tornaram-se amigáveis, porque os *gateiros* estimulados pelos *patrões* começaram a proporcionar presentes aos índios, sobretudo de ferramentas, que era o que estes mais insistentemente reclamavam. Desde então passaram os índios a aparecer desarmados, mas exigiam igualmente que os *gateiros* não empunhassem suas espingardas, permanecendo tais relações pelo menos até meados de 1970, quando 60 *gateiros* atuavam no Ipixuna (ibid.).

Os contatos entre a turma de atração da FUNAI e os Araweté, iniciados em 1970, prosseguiram de modo intermitente. Em Novembro de 1973, a turma realizou um encontro com "11 homens e 1 mulher com sua filha pequena", em um

ponto distante 6 dias da embocadura do rio, viajando de canoa a remo (Alves, 1973). Mas embora o encontro tenha sido amistoso como os anteriores, ainda não foi possível a obtenção de melhores informações sobre o grupo, por falta de um entendimento verbal satisfatório, através dos intérpretes Apói (Akuawa-Asurini) e Putema (Suruí) (ibid.). Conforme registramos inicialmente, esses contatos começaram a apresentar resultados positivos, já a partir de maio de 1976 quando o sertanista Carvalho assumiu a direção dos trabalhos. Inicialmente, estabeleceu ele contato com cerca de 50 índios (homens, mulheres e crianças), então acampados junto a um roçado de milho e mandioca existente no lugar S. Miguel, à margem do Xingu entre Jatobá e Bom Jardim, após ter sido o grupo dispersado pelos Parakanân.

Ocorre que, as condições de saúde e de nutrição desses índios era das mais precárias, pois vários deles estavam gripados e, de modo geral, "famintos e magros, inclusive crianças, sem condições de viajar devido o estado de fraqueza" (Carvalho, 1977). A despeito da afabilidade demonstrada pelos índios, o chefe da turma, como aliás seria de esperar, enfrentou sérias dificuldades a partir do momento em que tentou medicá-los. Não só recusavam ingerir os remédios como fugiam ou trepavam nas árvores quando avistavam o aparelho de injeção. Só após o próprio chefe da turma haver tomado uma injeção é que um dos jovens índios também ofereceu o braço para uma aplicação; e havendo ele reagido de modo satisfatório, aos poucos outros índios também passaram a aceitar tal tipo de tratamento. Mas, em seguida havendo os índios retornado à mata, já 4 meses mais tarde é que a turma de atração pôde estabelecer novo contato, com 44 índios, cujas condições de saúde, eram mais sérias que as apresentadas no encontro anterior. Esses indivíduos, na maioria, mostravam sintomas evidentes de malária; quase todos estavam com escabiose e, como arranhavam-se desesperadamente, ficavam com os corpos cheios de feridas; e também apresentavam inflamações oculares, existindo 3 índias cegas do olho esquerdo. As mortes causadas pelas enfermidades e fome

havam sido acentuadas, pois, através dos caminhos foram encontrados pelos expedicionários 46 cadáveres somente de adultos.

Na oportunidade, tendo a turma de atração instalado um acampamento mais estável junto ao grupo, pôde o chefe realizar diálogos mais demorados com os elementos do grupo. Mas decorreu certo tempo para que fosse permitido aos expedicionários chegarem até à aldeia, pois foi difícil convencer os índios de que não eram "parentes" das outras pessoas que lhes tinham causado mortes em ocasiões anteriores. Ocorre que, quando o chefe da turma já realizava visitas esporádicas à aldeia, os Araweté foram novamente atacados pelos Parakanân que lhes causaram 10 mortes.

O estado de saúde dos Araweté, todavia, desde então foi melhorando gradativamente, face a regularidade com que passaram a ser assistidos. Os índios deixaram de oferecer resistência ao tratamento das enfermidades a ponto de vários deles chegarem a insistir para tomar injeções. Também não reagiram contra o tratamento dentário, que foi executado por elementos do Projeto Rondon, não demonstrando sentir medo do boticão e até do martelo, e possibilitaram a efetuação em poucos dias de 110 extrações dentárias em 32 índios (Carvalho, 1977). Em julho de 1977, sob a assistência permanente da turma da FUNAI, a vida do grupo já se achava quase que completamente regularizada, tendo se registrado no citado mês apenas 3 casos de malária. Tal situação deve ter persistido, uma vez que a população do grupo passou de 119 para 122 indivíduos, em julho de 1978, segundo dados existentes na 2ª Delegacia Regional da FUNAI. Não mais se verificaram choques armados entre os Araweté e os demais índios da região, bem como contatos entre eles e os gateiros face às providências tomadas pelo órgão protetor. Conseqüentemente, acreditamos que a caracterização e demarcação da área tribal poderá ocorrer sem maiores complicações antes da provável chegada de novas frentes de expansão, inclusive de caráter empresarial, a partir do momento em que forem abertas as rodovias projetadas.

As situações de crise ocorridas com os Araweté, em regra, parecem não diferir daquelas sofridas por outros grupos indígenas na fase de transição entre o isolamento e as relações permanentes com a sociedade envolvente. Essas situações, como no caso em tela, assumem naturalmente caráter mais sério quando os contatos iniciais do grupo indígena se verificam não com as turmas de atração, mas com frentes caçadoras ou coletoras cujos componentes, não raro, são portadores de malária, viroses, sífilis, gonorréia e outros males infecciosos. Quando ocorre o inverso, desde que não falhem os recursos necessários para um bem orientado trabalho de atração e aplicação de medicina preventiva e curativa, uma brusca queda populacional do grupo indígena, pode ser atenuada mas não completamente evitada. Isto porque, só mui raramente e em circunstâncias especiais, os componentes de um grupo indígena aceitam, de pronto, relações permanentes com criaturas estranhas, que as vezes presumem pertencer ao mesmo grupo de outras pessoas que antes os hostilizaram. Geralmente, no momento em que essas relações começam a assumir caráter definitivo, os índios já foram atingidos por enfermidades, a despeito das precauções que tenham sido tomadas pela turma de atração, e reagem quase que invariavelmente a princípio contra qualquer tipo de tratamento médico. Problemas como tais, salvo melhor juízo, continuarão desafiando aqueles que pretenderem encontrar melhores soluções.

SUMMARY

The Araweté Indians (Tupian) began to be observed in 1970, on the right bank of the lower Xingu (4-5° S. Lat; 52-53° W. Long.), in territory known as "Asurini land". Today, the Araweté with a population of 122, are situated on the right bank of the Ipixuna River (tributary of the Xingu), with FUNAI assistance. The first part of the work presents aspects of the regional environment (José Porfírio county), indications of Araweté origins, language, culture, social organization and

ideology. The second part focuses the contacts of the Araweté with others Indian groups and FUNAI's activities with the Araweté.

BIBLIOGRAFIA CITADA

ALVES, Raimundo

1973 — "Relatório da frente de atração do igarapé Ipixuna. 10 de Dezembro de 1973". Altamira. 5 p. il. Xêrox. [Inédito].

ARNAUD, Expedito

1961 — Breve informação sobre os índios Asuriní e Parakanán; rio Tocantins, Pará. *B. Mus. Pa. Emílio Goeldi*. Belém, n. sér. Antrop., 11, 22 p.

1971 — A ação indigenista no sul do Pará (1940-1970). *B. Mus. Pa. Emílio Goeldi*. Belém, n. sér. Antrop., 49, 25 p.

BRASIL. Departamento Nacional de Produção Mineral. Projeto RADAM

1974 — *Uso potencial da terra da folha SB22 — Araguaia e parte da folha SC22 — Tocantins*. Rio de Janeiro, 34 p. il., mapa. (Levantamento de Recursos Naturais, 4).

CARVALHO, João Evangelista

1977 — "Diário da frente de atração do Ipixuna. 27 de Julho de 1976 a 6 de Julho de 1977". 61 p. [Inédito].

COUDREAU, Henri

1897 — *Voyage au Xingu*. 30 mai — 6 octobre 1896. Paris, A. Lahure. 230 p. il. mapa.

HUXLEY, Francis

1963 — *Selvagens amáveis — Um antropologista entre os índios Urubus do Brasil*. São Paulo, Ed. Nacional, 321 p. il. mapa. (Brasiliana, 316).

JANGOUX, Jacques

1977 — *Preliminary observations of shamanism, curing, rituals and propitiatory ceremonies among the Asuriní Indians of the middle Xingu in Brazil*. 65 p. il. Xerox. [Inédito].

LUKESCH, Anton

1976 — *Bearded Indians of the tropical forest*. Graz, Akademische Druck - u. Verlagsanstalt, 143 p.

NIMUENDAJU, Curt

1948 — "Tribes of the lower and middle Xingu River". In: *HANDBOOK of South American Indians*. *Bull. Bur. Amer. Ethnol.*, Washington, 143(3): 213-43.

ARNAUD, E. — NOTÍCIA SOBRE OS ÍNDIOS ARAWETÉ...

OLIVEIRA, Adélia Engrácia de

1970 — Os índios Jurúna do Alto Xingu. *Dédalo*, São Paulo, 6 (11 12): 1-29. Il. mapa tab.

RECENSEAMENTO GERAL DO BRASIL, 8, 1970.

1971 — *Síntese preliminar do censo demográfico*. Pará. Rio de Janeiro, IBGE, 76 p. mapas.

RONDON, Pedro da Silva

1970 — "Relatório de atividades gerais das frentes de penetração, 1ª fase set./nov." Altamira. 10 p. [Inédito].

SOARES, Antonio Cotrim

1971 — "Relatório sobre a atual situação da comunidade denominada Asurini do Xingu". Altamira, P. I. Koatinemo, 34 p. [Inédito].

(Aceito para publicação em 22/09/78)



Est. 1 — a) Vista parcial da aldeia Araweté, vendo uma maloca ainda em construção; b) Um grupo de índios Araweté (Fotos J. Carvalho, 1977).



Est. II — a) Casal de índios Araweté; b) Casal de índios Araweté rala-
lando mandioca. (Fotos J. Carvalho, 1977).

ARNAUD, Expedito. Notícia sobre os índios Araweté, rio Xingu, Pará. **Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi, Nova série: Antropologia, Belém (70) : 1-20, dez. 1978. ilus.**

RESUMO: Os índios Araweté (Tupi) começaram a ser identificados a partir de 1970, na região situada à margem direita do baixo Xingu (4 - 5º de Lat. Sul; 52 - 53º de Long. Oeste), conhecida como a "terra dos Asurinis". Presentemente, somam 122 indivíduos agrupados em uma única aldeia, situada à margem do igarapé Ipixuna, sob a assistência permanente da FUNAI. A primeira parte do artigo apresenta aspectos gerais do ambiente regional (Município José Porfírio), indicações sobre a provável origem dos Araweté, e referências a respeito de sua língua, cultura, organização social e ideologia, incluindo aspectos de caráter comparativo. Na segunda parte focaliza seus contatos inter e extra-tribais e a ação exercida sobre eles pela FUNAI.

CDU 572.9(8.11.5)

CDD 572.9811

MUSEU PARAENSE EMÍLIO GOELDI

t